

# O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

Filiado no Sindicato da Imprensa Portuguesa

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão: Calçada da Ajuda, 176 — LISBOA

FICOU assente no anterior número que entregaríamos a todos os indigentes pobres e que se encontrem doentes, senhas para as consultas gratuitas que o Ex.º Sr. Dr. Medicina de Sousa, concede todos os dias. Foi uma oferta que mereceu os maiores aplausos de todos os habitantes e a atestá-lo, está o facto de termos sido procurados por muitos d'êles, para que em seu nome, agradeçamos a êste ilustre médico, o seu acto meritório.

JERUSALÉM é uma cidade onde se acotovelam indivíduos das mais variadas nações. E' talvez, a povoação do mundo onde se fala maior número de línguas.

Ali se podem ser telefonistas verdadeiros políglotas, pois que o público está autorizado a fazer uso, para pedir qualquer ligação, de onze línguas diferentes.

As línguas officiais na Palestina são três: o inglês, o árabe e o hebraico. Mas o francês, o alemão, o espanhol, o grego, o russo, o italiano, o arménio e o rumaino são de uso corrente naquella verdadeira rival da lendária torre de Babel.

Evidentemente nem todos os telefonistas falam as onze línguas. Mas são obrigados a falar correctamente, pelo menos, as três línguas officiais. Talvez um dia lá, como no resto do mundo, o Esperanto tambem entre no número das línguas oficialmente autorizadas.

APRAZ-NOS registar com o maior contentamento as melhoras da Ex.ª Sr.ª D. Sara Agostinho Moraes. Abraçamos por êsse facto seu marido, o nosso querido amigo e colaborador sr. Agostinho Antonio, official muito distinto da nossa Armada.

SOMOS forçados, por falta de espaço, mais uma vez, a deixar retido algum original, do qual destacamos os interessantes artigos dos nossos valiosos colaboradores Ex.ºs Srs. Alfredo Gameiro e coronel Bivar de Sousa, esperando que Suas Ex.ª nos perdõem.

## ANO NOVO ANO BOM

Mais um ano que passa. Mais outro comêç de ano, a que todos teimamos em chamar «Ano Bom».

Que o novo ano seja feliz! E' a tradução amarga e esperançosa dêsse «Ano Bom», anseio de renovação que vive nos calendários e nas almas.

Quantos milhares de anos decorridos, em que a humanidade cheia de ilusões, aguarda que o ano que há-de vir, seja o «bom», o venturoso.

Ano bom, ainda não houve nenhum. Só será feliz o ano, em que não existam famintos. Em que todos, tenham assegurado o pão de cada dia.

Os que se consideram felizes, os que desconhecem o que é não ter nada, é justo que olhem para essa multidão interminável, que sofre, chora e tem frio e fome. Isto para que se não envergonhem de pertencer á espécie humana.

Digam os rapazes cheios de esperanças e os velhos curvados ao pêso dos anos e das privações, qual foi o seu «Ano Bom». Teria sido aquele em que nasceram? Seria aquele em que amaram? Aquele em que nasceu o seu primeiro filho, que logo foi rodeado de miséria? Seria o Ano em que viu uma filha sua, banhada em lágrimas ao ouvir o filhinho dizer-lhe: «Mãesinha, tenho fome, quero pão», e não ter nem uma côdea para lhe dar? Decerto, que não foi êsse, o seu «Ano Bom».

Pudéssemos nós escutar as vozes de além túmulo e todas diriam que «Ano Bom», foi aquele em que cheios de sofrimento, tendo arrastado uma vida de cuidados, de torturas, seus corpos repousaram para todo o sempre, na serena quietitude dum cemitério. Sim, teria sido êsse o seu «Ano Bom».

31-1-932.

### “O Comércio da Ajuda”

*agradece os cartões de cumprimentos que lhe foram dirigidos, e deseja a todos os seus colegas, colaboradores, anunciantes, amigos e leitores, e a todas as colectividades, um novo ano próspero.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura

M AIS uma vez protestamos contra o facto de se obrigarem os passageiros dos eléctricos, destinados á Calçada da Ajuda, a fazer mudança de carro, quando chegam á Boa-Hora. Muitas vezes temos presenciado tal facto que não sabemos se é da responsabilidade da Companhia, ou do expedidor. O que é certo, é que o abuso continua, e melhor será, pôr-lhe termo, pois pode originar conflitos.

O nos.º Jardim Botânico, continua encerrado ao público. ¿A quem será necessário dirigirmo-nos para que cesse tal anomalia? E' um caso, porque todos os habitantes se interessam, pois a sua reabertura viria contribuir certamente para o entretenimento das crianças que moram nesta freguesia, e que acompanhadas de suas familias ali passariam umas horas agradáveis.

N OS últimos dias, tem aparecido na nossa freguesia um homem que se faz acompanhar dum urso, percorrendo várias ruas esmolando, depois de obrigar o animal a mostrar as suas habilidades, que por mal dos seus pecados, não têm graça nenhuma. Bastantes pessoas nos chamaram a atenção protestando contra o facto, pois dizem, e muito bem, que a nossa freguesia, faz parte da capital e o espectáculo presenciado, é deveras impróprio. Pedimos portanto, ás autoridades da freguesia, a sua proibição, ficando certos, que seremos atendidos.

CONSORCIU-SE no passado dia 26, com a Ex.ª Sr.ª D. Maria Manuela Correia Gaspar, o nosso estimado amigo, Ex.º Sr. Júlio Gaspar, ilustre official do Exército. Aos noivos, auguramos as maiores felicidades.

H AVIAMOS prometido aumentar o presente número com mais páginas.

Porém, tal não nos foi possível, do que pedimos desculpa aos nossos prezados leitores e anunciantes, ficando essa promessa para outra oportunidade.

# Generosa Inocência

Por ALFREDO GAMEIRO

Tinha seis anos a Rosa  
E quatro, apenas, o Chico.  
Ela de alma generosa,  
Ele um vivo demonico.  
Com tanta e tal rabinice,  
Que o pai, um dia, lhe disse:  
«De seres assim rabino  
Terás o justo castigo.  
Vou escrever ao Deus menino,  
Que é das crianças amigo,  
E que, estando o Natal perto,  
Viria por ai, de-certo.  
Nessa noite, p'ra trazer  
Os brinquedos variados  
Que é costume êle oferecer  
Aos meninos bem-criados.  
Mas, sabendo quem tu és,  
P'ra ti não põe cá os pés.  
Podes crer!... Virá pela Rosa,  
Que é boa, meiga, obedece,  
Não responde, é carinhosa...  
Por isso tudo merece».  
Ouvindo isto, o Chiquinho  
Amnou e fez beicinho.  
Contudo, não teve emenda;  
E quem mais triste ficou  
Co'a severa reprimenda  
Foi a Rosa. Até chorou,  
Suplicando, ao pai, perdão  
P'ra as traquinices do irmão.  
Mas, conquanto isso lhe doa,  
Mostra-se o pai implacável;  
Só as culpas lhe perdoa  
Quando (o que não é provavel)  
O Menino Jesus diga  
Que esqueça e não mais prossiga  
Naquele castigo exemplar.  
«Fica sabendo, porém,  
Que, se êle não perdoar,  
Não te perdoo também».  
Supõem que o atrevido  
Se mostrou arrependido?...  
Isso sim!... Cada vez mais  
Resingão, mau, barulhento,  
Era o desgosto dos pais  
E dos vizinhos tormento!...  
E como isso amargurava  
A Rosa, que tanto o amava!

\*\*\*

Clega, emfim, a desejada  
Noite de paz e de luz,  
Em que a ingénua pequenada  
Crê que o Menino Jesus,  
Sorrindo, vem lá do Céu,  
Rompe das nuvens o véu,  
E enquanto os louros bebés  
Dormem tranquilos e quedos,  
As pedras das chaminés  
Enche de lindos brinquedos,  
Que são causa de alegrias...  
Mas duram dois ou três dias!  
Da Rosinha o coração,  
Alegre, palpita ansioso  
Quando vai, junto ao fogão,  
Pôr o sapato mimoso.  
Não succede o mesmo ao mano  
Que receia um desengano.  
Imita o gesto da irmã,  
Mas vai deitar-se tristonho.  
Quem sabe se, de manhã,  
Não verá desfeito o ronho,

E cumprida, por seu mal,  
A profecia fatal!...

\*\*\*

Vinha longe a madrugada  
Quando a Rosa, entreabrindo  
Os seus olhinhos de fada,  
Murmurou:—«Já terá vindo?...  
Ai! quem me dera saber!...»  
Se eu pudesse agora ver!...»  
E pensando que, de-certo,  
O pai e a mãe dormiam,  
Que a cosinha era ali perto,  
E êles nada ouviriam,  
Ei-la que, pé ante pé,  
Se dirige á chaminé.  
Chegada ali, de mansinho,  
E, acesa a luz num momento,  
Sofreia a custo um gritinho  
De pasmo e deslumbramento!  
Julga estar sonhando ainda,  
Ao ver tanta cousa linda  
Que o Menino ali juntou;  
Tanta cousa rica, bela  
Que do Céu acarretou  
Para ela... só p'ra ela!...  
Pois no outro sapatito  
Não existe um só bonito!  
Então á mente lhe acode  
Uma idea torturante:  
Como é que gozar pode  
O que tem ali diante  
Ao ver, assim, esquecido,  
O seu irmãosinho querido?...  
«E porquê? porquê, Senhor?  
Por ser travesso e ladino,  
Tamanho e duro rigor,  
Quando êle é tão pequenino?...  
Vós, ó meu Deus, que sois justo,  
Permitireis que, sem custo,  
Com êsse infeliz reparta  
Tudo isto que me destes,  
Fazendo crer que a tal carta  
De todo já esqueceste!  
Assim também o papá  
De-certo perdoará».  
E, num diligente afan,  
Divide tudo em dois lotes,  
Sem ver á porta a mamã  
Comovida pelos dotes  
De bondade e de ternura  
Que Deus pôs na alma pura  
Daquela filhinha sua,  
Seu amor e seu orgulho.  
E a mãe, de manso, recua,  
Não vá o menor barulho  
Do anjo bom perturbar  
A tarefa singular.

\*\*\*

Algumas horas volvidas,  
O que primeiro acordou  
Foi o Chico. As escondidas,

Tremente, se encaminhou  
P'ra a cozinha, onde, encantado,  
Viu o sapato cercado  
De bonbons e de brinquedos,  
Tão lindos, tão interessantes,  
Que até, p'ra tocar-lhe, os dedos  
Se mostravam vacilantes.  
Salta e pula de contente;  
E então, a mãe, docemente  
Lhe diz:—«Meu filho, é preciso  
Que de hoje para o futuro  
Mostres ter muito juizo.  
Só assim, eu te asseguro,  
Sendo um menino correcto,  
Alcançarás o affecto  
De Jesus. Se êle, complacente,  
O perdão te concedeu,  
Foi porque um anjo inocente  
Por ti hoje intercedeu.  
Por ti... e não o merecias,  
Pelas tuas tropelias.  
Não sejas mau e teimoso,  
Altaneiro e desabrido.  
Sê, antes, bom, generoso,  
Prestando sempre o ouvido  
A quem te aconselha o bem.  
Honra teu pai, tua mãe,  
Vê como a Rosa é sincera,  
Gentil no gesto e na fala.  
Deixa os teus modos de fera  
E busca sempre imitá-la.  
Se procederes com brilho  
Nas tuas acções, meu filho,  
Serás a minha alegria  
E tudo obterás de mim,  
Que sentirei ufania  
De ter um filhinho assim!...»  
Põe tão profunda emoção  
No que diz, que o coração  
Da criança se enternece,  
E o estovado Chiquinho,  
Neste momento, aparece  
Mais dócil que um cordeirinho.  
Humilde, curva a cabeça,  
E de seus olhos começa,  
Em fio, o pranto a correr,  
Emquanto a mãe, que sorri  
Com inefável prazer,  
O beija e conchega a si.

\*\*\*

Temendo que, tarde ou cedo,  
Alguém desvendá o segrêdo  
Do acto gracioso e nobre  
Que o coração lhe ditou,  
A Rosa a todos o encobre...  
E bem guardado ficou  
Pelos pais, que jamais deram  
A conhecer que o souberam.  
Pareceu-lhes inconsciência  
O destrair, na verdade,  
O que fizera a inocência  
Aliada com a bondade!

## Santos & Brandão

### CONSTRUCTORES

Serralharia — Forjas — Caldeiraria — Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco) — Telef. B. 207

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMERCIO DA AJUDA" e onde este jornal pôde ser adquirido gratuitamente :

## TRANSPORTES DO ALTINHO

A. A. JERÓNIMO  
Suc. de Sebastião dos Santos

Carroças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

## José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (F.<sup>o</sup>)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

## ABEL DINIZ D'ABREU, L.<sup>DA</sup>



PADARIA



Fornece pão aos domicílios

55, Calçada da Memória, 57 — LISBOA

TELEFONE BELEM 520

## Pérola do Cruzeiro

DE

JOÃO DE DEUS RAMOS

Gêneros alimentícios de primeira qualidade  
Especialidade em chá e café—Vinhos finos, do Pôrto e de pasto  
Azéites finos e carnes fumadas

PREÇOS SEM COMPETENCIA

54, Rua do Cruzeiro, 56 — AJUDA

## SECÇÃO POÉTICA

### BONDADE

Um mendigo já velhote,  
Envolvido num capote,  
Passa sempre á minha rua,  
Alto, lívido, magrinho,  
Mas cujo rosto insinúa  
Que tem bondade e carinho.

Não sei quem é, nem importa,  
Só sei que de porta em porta  
Vai esmolando p'ra viver  
Se viver é vegetar  
Sempre no mundo a sofrer  
Agruras do seu penar.

E sei também que é bondoso,  
Porque num dia chuvoso  
Dum agreste e frio inverno,  
Vendo um pequeno a molhar-se  
Num gesto lindo e paterno  
Chamou-o para abrigar-se.

Depois, muito afectuoso,  
Num sentimento amoroso  
Que define um coração,  
Quis cobrir o rapazinho  
Com o seu pobre gabão  
Que também era velhinho,

Mostrando não se importar  
Da chuva vir-lhe açoitar  
As pernas já alquebradas,  
Foi afagando a criança  
Que as suas teve abrigadas  
Até chegar a bonança.

Alexandre Settas.

### TRAVESSA DA BOA HORA

Continúa no mesmo vergonhoso estado o pavimento da Travessa da Boa Hora. Em quasi todos os números deste jornal temos reclamado a reparação daquela artéria, sem que sejamos atendidos. E' bradar no deserto.

Quando se resolverão as entidades competentes a acabar com aquela vergonha?

## Gráfica Ajudense

Trabalhos tipográficos em todos os gêneros

PERFEIÇÃO E RAPIDEZ ■ PREÇOS MÓDICOS

### Assistencia necessária

O assunto da Assistência na nossa freguesia, tem-nos merecido especial atenção e alguma coisa temos feito com o auxílio de valiosos cooperadores.

No entanto reconhecemos que esta forma de assistência, não resolve o caso, que é deveras importantissimo. Já no nosso número de 12 de Setembro de 1931, tentámos pôr em prática na freguesia da Ajuda, as medidas que julgámos necessárias para o extermínio da mendicidade, não o tendo conseguido por razões que não vêm para o caso. Succede, que o comandante da policia, sr. tenente coronel Lopes Mateus, encarou bem de frente o assunto, que a par de ser uma das maiores vergonhas desta linda Lisboa, é sobretudo uma enorme desumanidade, e vá de convocar toda a Imprensa da capital, para uma reunião que se effectuou no passado dia 17, e em que foi abordado o problema da repressão da mendicidade nas ruas. O assunto foi tratado com o maior interesse pelo sr. comandante da policia que expoz aos assistentes os seus pontos de vista, para que duma vez para sempre, desapareça não só a mendicidade, como seja atenuada a miséria que campeia nalguns lares de pobres que não vêm á rua estender a mão á caridade, e que não deixam por êsse facto, de ser dignos de protecção.

Em todas as esquadras e postos policiaes de Lisboa, os chefes estão encarregados de organizar o cadastro dos pobres das suas áreas. E' intenção do comandante da policia aperfeiçoar cada vez mais êsse cadastro, de forma a nele não poderem figurar os indus-

triais da mendicidade, pois vezes sem conto, se tem verificado que gente sem escrupulos, chega a alugar crianças, para assim poderem mais facilmente condoer o coração do transeunte.

Ficou também assente, que na área de cada esquadra ou posto policial seja organizada uma lista de subscritores voluntários, que contribuirão mensalmente com uma cota, embora modesta. A cobrança dêsses donativos, será feita por guardas da segurança, podendo os contribuintes em qualquer ocasião, verificar os respectivos balancetes.

Foi êste o nosso pensamento quando há mêses lançámos a idea. E assim, ficará organizada em cada área, um núcleo de beneficência, que bellissimos resultados tem dado nalgumas localidades.

O comando da policia, se assim o entender, chamará a si as verbas destinadas a idêntico fim pelas juntas de freguesia, ou com elas colaborará.

Conta-se com a boa vontade de comissões de senhoras, que decerto não regatearão o seu valioso préstimo, para que se possam arrecadar a maior soma de donativos.

Julgamos, pois, finda a nossa cruzada de distribuição de donativos entre alguns indigentes da freguesia, ficando esse encargo, com o que estamos absolutamente de acôrdo, a cargo do sr. comandante da policia, visto que o sistema preconizado por Sua Ex.<sup>a</sup> é o mesmo que nós defendemos e explanámos nas colunas deste jornal.

Viriato P. A. Silva.

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

## FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Merceria Matheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxíma seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece.

**DEZEMBRO...**  
Noite agreste e fria. Sibilando com furor, o vento arrasta á sua frente grossas bátigas de água.  
! Que encanto para os que, bem agasalhados, assistem tranquilamente, em suas casas, á fúria dos elementos!  
! Que horror para os desprotegidos da sorte. aqueles que, á porta de uma escada, têm de presenciar, e de sofrer, as inclemências do tempo!

Estava-se nas vésperas do Natal. A um canto do seu mais que modesto tugúrio, Adriano, sentado numa velha mala, cogitava, com a fronte melancolicamente reclinada nas mãos.

A sua mente revia uma vez mais a cena que, de guapo moço, o transformara num desgraçado: ao meio da quadra o pai gesticulando, colérico e abrazado em ira. Á porta a mãe, oh! santa velhinha!, que limpava as lágrimas á ponta do avental, enquanto ele, Adriano, escutava as admoestações do pai com mal contida impaciência.  
— Bonda! exclamara ele ao senti-la completamente esgotada.

«De hoje em diante não mais lheerei pesado! Por esse mundo de Cristo há muito onde ganhar a côdea!  
E brusco, sem sequer com um beijo ao menos, se despedir da que lhe dera o ser, Adriano abalara de casa. E no dia seguinte, ao cair da tarde, descia pela primeira vez a escadaria da estação do Rossio.

Decididamente a sorte não o bajfjara. Procurou com ânsia em que empregar a sua actividade, a força invulgar dos seus vinte e trez anos.

Não o assustava qualquer genero de trabalho, habituado como estava ás rudes lides do campo.

O Destino, porém, parecia querer castigá-lo da sua desobediência e do seu orgulho, pois mal conseguira arrapjar com que pagar o aluguer do buraco em que vivia e a magra refeição diária.

Amargurado, com duas lágrimas de

desespêro a deslisarem-lhe serenamente pelas faces, Adriano comparava a vida rude sim, mas descuidada e alegre, que levava na sua terra com a vida de tormento, de amarguras que, ia em dois anos, arrastava em Lisboa.

E ao lembrar-se da fartura, da relativa abastança mesmo que em casa

## MILAGRE DO NATAL

Por FERNANDO AUGUSTO SIMÕES

de seus pais havia, ao compará-la com as necessidades que agora passava, Adriano sentia bem que só o seu orgulho o inibia de regressar para junto de seus pais.

E depois se não tivesse a certeza de ser bem recebido! Se houvesse de recear os sarcasmos e novas cóleras do pai! Mas não! Porventura não recebera êle, ainda naquela semana, uma carta em que a mãe lhe pedia por tudo que voltasse, que se sentia finir sem êle? Não lhe dizia ela que o pai, que nos primeiros dias nem sequer consentia que se falasse do filho ingrato na sua presença, andava agora como doido, raladinho de saudades, tanto que até já dissera ao compadre João da Adiga, padrinho do Adriano, que, se adregasse de o ver seria até o primeiro a estender-lhe os braços?

E depois com que paixão ela lhe pedia que lhe não desse o desgosto de a deixar passar sem êle a festa do Natal!

Ante esta lembrança Adriano sentiu-se estremecer de comoção: sem dúvida a mãe encontrara, talvez sem o pensar, a corda sensível do coração do filho.

E! que Adriano não se podia esquecer de quão amarga lhe fôra a noite de Natal no ano anterior:

Vira, durante o dia, os bazares de brinquedos cheios de senhoras que, sorridentes, pensavam na alegria com que, no dia seguinte, os seus pequenos deparariam na chaminé com todos aqueles presentes que iriam satisfazer os seus infantis desejos.

Vira as pastelarias repl-tas de sisudos cavalheiros que encomendavam, com ar grave, duzias e duzias de bolos para á noite festejar m, com as famílias, o nascimento do Deus menino.

Ao cair da tarde verificara com melancolia que as costureirinhas, os empregados de escritório, os caixeiros, todos aqueles, em-

fim, que empregam as suas actividades fora de casa, a ela recolhiam mais apressados, mais azafamados de costume, sem dúvida com a lembrança da simples mas encantadora consoada que os esperava.

Adivinhara, durante a noite ao ouvir á porta de diversos *restaurants* as melodias de invisíveis orquestras, a alegria, a animação com que, lá dentro, dezenas, talvez centenas, de protegidos da sorte comemoravam o milagre de Bethléem.

Para êle então, misero faminto, toda a festa do Natal se resumia em assistir, numa igreja, á missa do galo, que nem sequer o fizera esquecer da missa da sua terra, onde tudo é mais simples, menos vistoso talvez, mas por isso mesmo mais sincero e mais sentido!

Ao lembrar-se disto, Adriano levou uma vez mais as costas da mão aos olhos que teimavam em carpir saudades. Pensou depois em como, nos outros anos, o Natal era para êle uma noite tam feliz, tam doce, que, decerto, nenhuma se lhe igualava desde que o ano entrava até que saia.

Reviu a azáfama turbulenta com que se preparavam, na velha casa que o vira nascer, as tradicionais consoadas;

(Conclue na página 7)

## Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 170

Telefone 0. 329

Consultas médicas diárias

pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Dr.

Carrilho Xavier

ás 10 horas

Medina de Sousa

ás 17 horas

Serviço

nocturno ás

sextas-feiras



A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.<sup>DA</sup>

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Travessa de Paulo Martins, 18

AJUDA — LISBOA

TELEFONE BELEM 517



Encadernações simples e de luxo, taes como: livros á antiga, amador e escrituração comercial

Copiadores, caixas e pastas para arquivo.

Armam-se pastas de fantasia e bordadas

Envernizam-se mapas

**S**ENTADO á sua ampla secretária, em cima os grandes volumes de grossas lombadas sólidamente encadernadas dos numerosos livros de escrituração, Carlos trabalhava plácidamente naquela tarde de frio e melancólico Dezembro.

Havia já algumas horas que trabalhava sem cessar, embebido como estava naquela serena quietude do aposento, contrastando a calma placidez em que trabalhava com a vivacidade dos pensamentos que, como de costume, lhe acorriam espontâneos á imaginação, treinada como estava na prática constante dada pelo deambular permanente por todos os variantes temas suscitados pela contabilidade onde o seu espírito sagaz se deleitava em resolver os problemas á primeira vista insolúveis, cuja resolução lhe trazia ao semblante um ar tenuíssimo de íntima satisfação, e o enchia da secreta alegria que lhe trazir o facto de se sentir superior ao difícil serviço que tinha a seu cargo.

Havia quasi dois anos já que tinha sido admitido ao serviço da casa onde trabalhava. Entrara como ajudante; porém, poucos meses depois desempenhava já as funções de guarda-livros, a contento da gerência, que via na sua maneira de proceder discreta e ponderada a m-lhor oportunidade de

acertar emfim com a pessoa competente de ter em ordem a ás vezes tão maltratada escrita da sua importante casa comercial.

A tarde chuvosa que fizera tornara desagradável e triste o dia, obrigando a acender mais cedo que de costume o candieiro postado sobre a secretária,

## O PERU

Por AFONSO DE CAMPOS AÇO

que reflectia sobre o livro em que trabalhava o foco luminoso coado pelo qu bra-luz de porcelana verde.

Recostando-se na cadeira, suspendeu um pouco a sua actividade de algumas horas. Pousou placidamente a caneta sobre a ranhura do tinteiro de fino cristal e, olhar vagueando pelo espaço, quedou-se a pensar como se falasse consigo proprio:

— Sim, se «êlé disse» o mesmo que o ano passado...

E ficou-se a desembaraçar o fio do telefone, enrolado em espiral em volta do auscultador.

Lá fora chovia agora. Um vento desagradável entrando pelas frinças das janelas, fazia sibilir junto aos ouvidos uma canção monótona que o tornava ao fio dos seus pensamentos: — Sim, se «êlé disse» o mesmo que o ano passado... os oitocentos escudos de gratificação... um mês de ordenado!

Bastante arranjo lhe faziam: — O fato bastante coçado já, estava há muito a pedir substituto, cansado como estava de ser usado trez anos a fio. O que vale — pensava — é que agora no inverno por debaixo do sobretudo inda ia passando, mas depois, lá para Março ou Abril tinha que ser... tinha que ser... A mulher — coitada — já outro dia quando foram á Exposição não ia bem com aquele vestido preto, tão simples e já antiquado... Os pequenos, é verdade que andavam arranjadinhos, mas estavam a precisar de sapatos e de blusas... E depois, aqueles trezentos e tal escudos na farmacia, ainda dos tempos em que a pequenita tinha tido a tosse convulsa. O caso já estava a passar a mais: Já outro dia o farmacêutico lhe dissera: — «O' Carlos, quando você quizer apresento-lhe a conta». — «Não é preciso, não vale a pena, é só

até ao fim do ano... no fim do ano liquida-se tudo!...

Estava-se no fim do ano. Só a gratificação lhe poderia valer!...

Embebido como estava nos seus pensamentos tornara-se nervoso:

— E se «elo não desse?» perguntou como se alguma voz invisível lhe pudesse responder.

Não, não era possível! «Ele» bem sabia que o seu empregado lutava com dificuldades. E depois — continuou — era já costume antigo na casa, todos os anos contavam com «qualquer coisa» para os empregados...

Dominado por extranha impressão sentia-se tornar-se péssimista, ao repetir consigo proprio os pensamentos que lhe iam na mente. E' verdade que o ano fôra mau...

— «Mas não, «êlé» não faria isso. O ano passado também fôra mau e «êlé dera» até mais do que êle proprio contava. Este ano, fôra peor que o outro, mas — que diabo! — não o fôra tanto que não pudesse dar a gratificação ambicionada!

Amanhecera risonha a véspera do Natal. Embora bastante fria, a manhã desportara serena e o sol começava espalhando a mêdo seus tímidos raios que vinham prometer para esse dia o fulgor do seu brilho, como que querendo alegrar com a sua presença as festas de louvor pelo nascimento do Deus-Menino.

Na pequena mas interessante salinha de jantar, Clara servia a seu marido o almoço — que se faziam horas para ir para o escritório...

Mal haviam falado ainda. Mas como se um pensamento unico os dominasse ela disse, voltando para o marido o seu olhar doce de esposa afeioada:

— «E' verdade, se «êlé» desse hoje o mesmo que o ano passado...

Calou-se como que envergonhada, vendo o mutismo em que se quedara o marido. Era alta, delgada. O seu

(Conclue na página 7)

1-1-933.

## Os anunciantes d'«O Comércio da Ajuda»

A. P. Bettencourt & Seabra L.<sup>da</sup>

Abel Diniz d'Abreu

Abílio A. Jerônimo

Amândio C. Mascarenhas

Américo Heitor Dias

António Alves de Matos, L.

António Dias

António Duarte Resina (Herdeiros)

António Lopes Marques

António Moraes dos Santos

António Serapião Migueis

Carlos de Sousa

Empreza do Cinema Palatino

Farmácia Mendes Gomes

Francisco C. Pinheiro

Francisco Duarte Resina.

Gráfica Ajudense

J. A. Jorge Pinto

J. J. Caetano

João Alves

João de Deus Ramos

José Julio Bordalo

José Vicente d'Oliveira & C.<sup>a</sup> (Filho)

Libanio dos Santos

Libreiro, L.<sup>da</sup>

Manuel António Rodrigues

Santos & Brandão

desejam aos seus Ex.<sup>mos</sup> Fregueses, Clientes e ao Público em geral, um novo ano cheio de prosperidades.

## Favorita Ajudense

J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanchete, Retrozeiro, Boxparia e Gravataria  
Artigos Escolares — Material electrico  
GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO  
167, Calçada da Ajuda, 169  
TELEFONE BELEM 456

## Nova Padaria Taboense

DE ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

Rua das Mercês, 118 a 128  
AJUDA — LISBOA

Casas comerciais e industriais que recomendamos aos leitores de "O COMÉRCIO DA AJUDA" e onde este jornal pode ser adquirido gratuitamente:

## Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA  
SOLDADURA AUTOGÉNIA

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motores e máquinas de vapor e instalações electricas

R. das Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA Telef. B. 552

## AGENCIA FUNERARIA

DE

António Serapião Migueis

Calçada da Bôa-Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

## ANTONIO ALVES DE MATOS, L.<sup>DA</sup>

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE  
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

## CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas  
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

## ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda e onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

## VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis tambem um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade, a preços razoaveis

## Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 4 horas da tarde  
PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas - sábados ás 9 horas  
ALVES PEREIRA - 4.<sup>as</sup> feiras ás 9 h JULIO CARVALHO - 3.<sup>as</sup> feiras ás 9 h.  
FRANCISCO DEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno às quartas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telefone B. 456

## Manoel António Rodrigues

COM

## VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

## LIBREIRO, L.<sup>DA</sup>

Travessa da Bôa-Hora, 22 e 24 - Ajuda  
LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vinhos finos e de mesa  
LICORES E TABACOS

## Drogaria e Perfumaria

DE

ANTONIO MORAIS DOS SANTOS

Drogas, tintas e vernizes

Sabonetes e perfumarias dos melhores fabricantes

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

## A Popular da Ajuda

Carvoaria e Vinhos

DE

FRANCISCO C. PINHEIRO

DISTRIBUIÇÃO AO DOMICILIO

Jogo da Laranjinha, em corticite, com bolas de borracha  
RETIRO AO AR LIVRE

Largo Conde de Belmonte (Junto á entrada do bairro)

## PEROLA DA AJUDA

DE

JOSÉ JULIO BORDALO

Mercearia, vinhos de pasto, vinhos finos e licôres  
Carnes fumadas e queijo da Serra recebidos directamente

CAFÉ MOÍDO Á VISTA DO FREGUEZ

Louças de esmalte e vidros .... Artigos próprios para brindes

T. da Madresilva, 10 e 10-A — R. das Mercês, 121

## Os bons vinhos da Região de Mafra : Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

## RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216  
R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156  
Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril (Calvário), 1

## Instalações electricas a Prestações - Executa

## AMÉRICO HEITOR DIAS

ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.<sup>as</sup> Reunidas Gaz e Electricidade  
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B 552,  
onde serão atendidos com a máxima urgência

**A Favorita da Ajuda**

DE

**ANTONIO DIAS**

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas  
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

**LIBANIO DOS SANTOS**VINHOS E SEUS DERIVADOS  
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR  
TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

**MILAGRE DO NATAL**

(Continuado da página 4)

o encantamento místico que se evolava do ingénno presépio em que, sobre palhas, dormia o Menino Jesus; em sua mente atropelavam-se as lembranças dos figos secos e dos chouriços, do vinho quente e do vinho palhete, do succulento prato de bacalhau com batatas e grelos e das louras rabanadas regados com calda de mel, das deliciosas filhós e dos pratos de aletria com ingénuos desenhos feitos com canela, todas as iguarias, emfim, que na Noite de Natal, fazem o encanto das gentes da provincia!

Com que amargurada saudade se lembrava da missa do Galo, pretexto para a estréia da véstia nova! E quando, acabada a missa, a caminho já de casa, a alegre companhia, por entre o estralejar dos foguetes, cantava e ria com desusada animação! Quantas vezes se servira da maliciosa escuridão da noite de Natal para, como guapo moço que era, pespegar algumas beijocas nas rosadas faces das cachopas que nem sequer se lembravam de o repreender!

Como tudo isto lhe parecia longe! Como elle sentia apertar-se lhe o coração ao comparar os seus Natais de outrora com o que passara no ano anterior e o que iria passar esse ano também! De repente poz-se de pé. Os seus olhos fixaram com obstinada persistência um ponto da parede. As narinas frementes, as mãos fortemente enclavinadas uma na outra, davam bem a entender que em sua alma uma grande luta se travava.

Luta entre o orgulho e a saudade, entre o cérebro e o coração, entre o futuro, emfim, e o passado. A fronte

contraí-se-lhe, como demonstração do titânico esforço que está fazendo; eis, porém, que um sorriso, imperceptível de começo, mas logo dominante, avassalador, lhe suaviza! Súbito é uma alegria indomável, irrequieta, que o agita, que o faz dirigir-se á janela e encher, com o ar cortante da noite, o peito, transbordante de prazer!

Estava resolvido! Por muito que custasse ao seu amor próprio, por muito que o seu brio se sentisse ultrajado! Não, sentia que não poderia resignar-se á idea de passar, novamente um Natal tam triste, tam abandonado como passara o do ano anterior; á custa de muitos sacrificios, de muitas privações, conseguira amealhar alguns vinténs, que para nada mais chegariam, decerto, mas que haviam de bastar para pagar as passagens. Sim, as passagens, porque nada já o poderia impedir de ir festejar a noite de Natal na sua terra, entre os seus pais, os seus amigos, entre todos aqueles, emfim, que o estimavam e por quem elle sentia tantas saúdades!

Seria a sua presença, para a sua querida mãe, a mais doce das consoadas do Natal!

E firme nesta resolução Adriano deitou-se na misera enxêrga, com um sorriso de bem-aventurança a brincar-lhe nos lábios.

O milagre que as privações e os rogos da mãe não haviam realizado, conseguira-o a noite de Natal com todos os encantos, toda a graça e beleza com que ela é fest-jada no nosso país.

**Frederico Folgado**

Já quando o nosso último número estava impresso, chegou-nas a triste novidade do falecimento deste querido amigo, que meses antes havia partido para o Caramulo, em procura de melhoras para o seu mal. Não quiz o destino que elle voltasse com vida. Pobre rapaz, que tam cedo desapareceu do nosso convívio.

O seu funeral, que foi uma verdadeira manifestação de saudade, realizou-se no passado dia 18, para o cemitério da Ajuda, onde ficou depositado no Jazigo Municipal. Devido ao numeroso acompanhamento, só um turno foi feito composto por pessoas de família e por um representante do P. R. P., a que o extinto pertencia.

Todos que nesta casa trabalham, se associam á dôr que neste momento aflige a familia do extinto, especializando seu pai, o nosso velho amigo, sr. Joaquim Magro Folgado.

**PENSAMENTOS E SENTENÇAS A ESMO**

mas apresentados sem intenção dogmática

DOS MEUS APONTAMENTOS  
por Alexandre Seltas

*Na vida os sofrimentos são estritamente relativos e subordinados às circunstâncias eventuais de momento. Sofre-se às vezes com tolerância dores acerbas e noutras ocasiões não se resiste, pelo desfalecimento, a incomodos mínimos.*

*Quando se ama pensa-se e no cérebro misturam-se ideias magnificas que tocam as raízes do sublime quando a que se ama é de candura extrema.*

*A dignidade moral é o mais sublime ornamento da alma da mulher. Mas quasi a divinita quando é realçada pela força esportiva que a leva aos mais altos sacrificios.*

**O PERU**

(Continuado da pagina 5)

rôsto inspirava a simpatia suave que se evolava de todo o seu ser de mãe amantíssima.

Vinte e seis anos — a pujança da vida! — dois anos mais nova do que «ele», o «seu» Carlos.

Ia servindo os filhos deitando-lhes o café com leite nas pequenas chávenas que lhe oferecera o tio Ricardo havia seis anos já, no dia feliz do seu casamento com o Carlos — aquela «joia» de rapaz!

— O' mãzinha, a gente sempre come perú no dia de Natal, não come? perguntava a Luizinha com toda a ingenuidade dos seus inocentes quatro anos.

— Cala a bôca, parva, interrompeu agastado o Pedro, com toda a autoridade que lhe dava o seu ano e tal mais velho que a irmã. — Parece que é alguma grande coisa a gente comer perú...

— «Comes sim, minha filha, havemos de ter perú no dia de Natal — atalhou amorosamente a mãe, pondo fim ao «conflito» que tão rapidamente se estabelecera. E disfarçava para com os filhos, escondendo-as do pai, duas lágrimas que furtivamente lhe afloravam aos olhos e, renitentes, lhe embaciavam o olhar — o seu doce e meigo olhar...

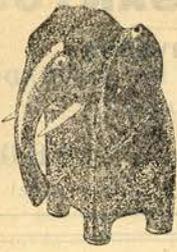
\* \* \*

— «Senhor Carlos, o nosso gerente pede-lhe que chegue ao seu gabinete — disse com toda a prosápia, do alto dos seus botões o garotinho que servia para introduzir no escritório do gerente as visitas de categoria.

Sentado á rica secretária, em mogno antigo, de pés torneados em caprichosos contornos, recostado no cómodo espaldar da cadeira rotativa, o calorífico aos pés espalhando pela sala o calor suave que tornava morno o ambiente, acabava de tomar o «seu» chá, servido pela dactilografa particular, que respeitosa se conservava discretamente a distancia.

Postado frente á secretária, Carlos ouvia em posição delicada, mas sem artificios, as palavras do gerente.

— «Carlos. Você sabe que os negócios estão maus. Não se vende nada, não se ganha nada. O ano decorreu péssimo, como sabe. Até o negócio dos Caminhos de Ferro, em que depositávamos tantas esperanças, deu prejuízo, como se verificou. Pelo último balancete apurado viu-se o pouco resultado da gerência deste ano. Chamei-o para lhe dizer que, em



# PALATINO

Rua Filinto Elísio (Santo Amaro)  
TELEFONE B. 99

O melhor e mais bem frequentado  
cinema da parte ocidental de Lisboa.

Sábado, 31 e Domingo, 1  
às 21,15 horas

DOMINGO Matinée às 15 horas

As surpreendentes super-produções

## O MEU ULTIMO AMOR

com o grande tenor D. JOSÉ MOJICA

## DE CORPO E ALMA

Filme de espionagem, com CHARLES FARREL

### Filmes a exhibir :

Dias 2 e 3: LUZES DÁ CIDADE, com Charlot

Dias 4 e seguintes { O filme de aviação TITANS DO CÉU  
AUSPICIOSO ENLACE, com Estica e Bucha

Dias 11 a 15 { PAT E PATACHON INVENTORES  
ANNY NA ESCOLA (duas estreias no bairro)

Dias 16 a 18: CONCERTO REAL DE SANS SUCI (estreia)

A Seguir: A FAVORITA DO IMPERADOR, AMOR DE PERDIÇÃO, UM SONHO DOURADO, A BELA AVENTURA, RAPARIGAS DE UNIFORME, e outras super produções.

vista do mau resultado dos negócios, este ano não haverá gratificações. Tenham paciência. . . a crise é muito grande. Talvez para o ano possa ser. . . O sacrificio tem que tocar a todos. . . O sacrificio tem que tocar a todos. . .

E dizendo isto ia-se recostelar comodamente na poltrona, olhando com volúpia o fio azulado que em odorosas espirais se evolava da ponta do charuto, e, sacudindo a cinza, fazia rebrilhar num dedo a radiação fascinante dum diamante de bom quilate.

\*\*\*

Deixara-se cair desalentado sobre uma cadeira da salita modesta, mas arranjada.

Mal jantara — quasi não comera — refugiara-se logo naquella casa a esconder da mulher o surdo aborrecimento que lhe ia na alma — cujo drama ella intimamente adivinhara já.

A sala mergulhava na semi-penumbra que lhe vinha da luz atenuada do candieiro de petroleo, cujo quebra luz, de artistico, denunciava a graça das amorosas mãos femininas, que presidião ao arranjo das pequenas particularidades daquella sala.

Passou a mão pela testa como que afastando de si quaisquer pensamentos que o torturassem.

Lá se iam todas as suas illusões: O fato novo, o vestido da mulher, o perú dos pequenos. . . Era sobretudo esse mimo para as crianças que mais o torturava e lhe tornava, mau grado seu, sombrio o semblante. E, a cabeça encostada, cotovelo apoiado na mœsa, repetia pausadamente por entre os lábios, a frase que todo o resto do dia lhe martelara o ouvido: — O sacrificio tem que tocar a todos. . . o sacrificio tem que tocar a todos. . .

## SOCIEDADES DE REGREIO

### Ajuda Club

Acabamos de receber um cordeal officio desta interessante colectividade, communicando-nos que os novos corpos gerentes na sua primeira reunião, resolveram saudar o nosso jornal, enviando-nos ao mesmo tempo o programa para as festas a realizar nos dias 8 e 9 do próximo mês, e que consta do seguinte:

Domingo, 8 — Interessante baile dedicado á Sociedade Musical «Ordem e Progresso», abrilhantado pelo excelente Grupo Musical «Os Fininhos». A sala encontra-se lindamente decorada em estilo egípcio.

Dia 9 — Baile de homenagem ás Sociedades Musical Alunos de Alves Rente e Belém Recreio.

### C. M. 1.º de Janeiro de 1901

Esta colectividade, uma das mais antigas da freguesia, iniciou no passado dia 18 as festas do 32.º aniversário. Do interessante programa, destacamos a récita a realizar hoje, e que consta da representação do drama em três actos «Honra e Loucura». Amanhã, ás 7 horas, alvorada por um terno de clarins, realizando-se ás 15 horas, uma largada de 500 pombos correios, tendo lugar em seguida, uma sessão solene á qual presidirá um representante da F. D. S. P. E. R.

Segunda-feira, realizar-se-á o jantar de confraternisação.

\*\*\*

Agradecemos ás Direcções destas duas florescentes colectividade as boas palavras que nos dirigiram, e fazemos sinceros votos, para que consigam elevar cada vez mais os seus interessantes clubes.

## “Écos de Belém”

Passa amanhã o seu primeiro aniversário, este nosso brilhante colega, pelo qual nutrimos as maiores simpatias. Fundado pelo Ex.º Sr. Vilar Coelho, que durante bastante tempo lhe dedicou todo o seu talento, tem hoje a dirigi-lo outro valor que é o Ex.º Sr. João Bastos Nunes, a quem apresentamos, bem como ao seu proprietario, redactores e colaboradores, as nossas mais vivas saudações, e o desejo de que o prezado colega conte tantos anos de existência, como para o nosso jornal desejamos.

### O nosso jornal

Este jornalzinho que todos nós estimamos, apesar de ser distribuído gratuitamente não é um jornal de. . . graça.

É esta a única contradição da sua existência. Feito exclusivamente para zelar os interesses da paróquia onde está instalado e implicitamente atender ao bem estar dos seus concidadãos, sempre se tem mantido em moldes de rija austeridade, sem contudo pecar por sinezia.

E desta forma já há mais de um ano que vem aparecendo activo, mas sem soberbia, no árido campo das reivindicacões que defende, porém convencido de que a graça lhe está vedada por ser própria de humoristas e confessar a negação de faculdades para se unir á facécia dos que facilitam o riso tonificador ás almas abatidas pelos enredos do viver.

Mas, se nos falta cá em casa, a jocosidade para servir os prezados leitores, muito a estimamos para delicia dos nossos ócios e por isso é quasi um dever recomendar a leitura do interessante semanário humorístico

### «O ALDRABÃO»

que recentemente começou a publicar-se nesta cidade e tem juz ao agrado como vem sendo acolhido por quem deseja desopilar-se com a graça esfusante de que vem replecto.

Ao novo colega que tem graça, mas não é de graça nem da graça, efusivos parabens e votos para continuar sempre com originaes felizes no seu característico humorismo.

## MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade

DE **João Alves**

CALÇADA DA AJUDA, 95 E 97 — LISBOA

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafrã)